



AS VULNERABILIDADES GERADAS PELO USO CORPORATIVO DO TERRITÓRIO PELA AZZAS 2154: A TERCEIRIZAÇÃO PRODUTIVA

Tayane de Oliveira ¹

RESUMO

O uso corporativo do território engendra novas dimensões de funcionamento em determinadas localidades, sendo organizado a partir dos interesses das grandes empresas que apresentam vultosos capitais e tecnologias, de modo que consigam maximizar seus lucros na sociedade capitalista de classes. Esta pesquisa tem como objetivo analisar por meio de um estudo de caso, as possíveis vulnerabilidades decorrentes do uso corporativo do território de uma empresa brasileira de grande porte, que atua no ramo de confecção, com enfoque no município de Rolante, no Rio Grande do Sul, que compõe uma região de especialização produtiva de calçados. O presente trabalho se caracteriza enquanto uma pesquisa de método misto, visto que fez-se uso de dados quantitativos e qualitativos a fim de qualificar a análise, além disso, enquanto caminhos metodológicos, o artigo foi conduzido por meio de pesquisa documental, com base em relatórios e formulários disponibilizados publicamente no site da empresa, sendo realizado mapeamento de dados através do Software QGIS. Os resultados apontam que a atuação da empresa no município de Rolante (RS) impõem certas vulnerabilidades no que tange a dependência econômica do setor de calçados – especialmente dos calçados de couro –, bem como a dificuldade de diversificação de atividades, à medida em que a região tem se consolidado como uma região de especialização produtiva no ramo calçadista.

Palavras-chave: Globalização, Oligopólio, Dependência econômica.

RESUMEN

El uso corporativo del territorio genera nuevas dimensiones de funcionamiento en determinadas localidades, organizándose a partir de los intereses de las grandes empresas que cuentan con grandes capitales y tecnologías, de manera que logren maximizar sus ganancias en la sociedad capitalista de clases. Esta investigación tiene como objetivo analizar, a través de un estudio de caso, las posibles vulnerabilidades derivadas del uso corporativo del territorio de una empresa brasileña de gran envergadura, que actúa en el ramo de la confección, con enfoque en el municipio de Rolante, en el estado de Río Grande do Sul, que forma parte de una región de especialización productiva de calzado. Este trabajo se caracteriza como una investigación de método mixto, dado que se utilizaron datos cuantitativos y cualitativos con el fin de cualificar el análisis. Además, en cuanto a los caminos metodológicos, el artículo fue conducido mediante una investigación documental, basada en informes y formularios disponibles públicamente en el sitio web de la empresa, realizándose un mapeo de datos a través del Software QGIS. Los resultados indican que la actuación de la empresa en el municipio de Rolante (RS) impone ciertas vulnerabilidades en lo que respecta a la dependencia económica del sector del calzado, especialmente de los zapatos de cuero, así como la dificultad de diversificación de actividades, a medida que la región se ha consolidado como una zona de especialización productiva en la industria del calzado.

Palabras clave: Globalización, Oligopolio, Dependencia económica.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campi Chapecó e Erechim*; tayne.oliveira@estudante.uffs.edu.br; Bolsista Institucional da Universidade Federal da Fronteira Sul.



INTRODUÇÃO

A mudança pela qual o capitalismo passa no final do século XX, resultado da alteração no regime de produção fordista para o regime de acumulação flexível, ocasiona novas formas de organização do trabalho e consumo, ao mesmo passo que traça novas linhas para a cultura da sociedade global (Harvey, 2010). As novas tecnologias inseridas no mercado, o capital investido e a mobilização de recursos no território altera o modo como as empresas se territorializam e atuam no mesmo (Smith, 1996 [1776]; Harvey 2010; 2013). A cultura global apresenta uma capacidade significativa de alteração de tendências ao longo do tempo, incluindo novos produtos e gostos, que vem sendo chamado de “capitalismo artista” por Lipovetsky e Serroy (2015) – sendo uma das formas mais eficazes de aceleração do tempo de giro do capital – orquestrada especialmente através da publicidade e do marketing produzidos pelas grandes corporações do ramo. Um dos exemplos mais emblemáticos desse cenário, é a indústria da moda, que faz com que os sujeitos tendem a buscar novidades ante à um contexto de constante renovação de coleções, cores, cortes, texturas e tecidos. Paralelamente à essa grande diversidade de múltiplos produtos que são lançados, no âmbito corporativo, visualiza um processo de oligopolização, com grande concentração de marcas famosas no portfólio de empresas transnacionais. Um exemplo é a Azzas 2154, maior corporação de moda da América Latina, que foi fundada em 2024 após a fusão entre o Grupo SOMA e a Arezzo.

A existência de corporações de grande porte como a Azzas 2154, cotadas em bolsa de valor, anuncia por um lado, a capacidade de mutação do capital ao longo dos anos, e por outro, simboliza a mobilização de recursos (matéria-prima, capital, infraestrutura e mão de obra). Em vista disso, Harvey (2010, p. 150-151) afirma que o capitalismo tem se “[...] organizado através da dispersão, da mobilidade geográfica e das respostas flexíveis nos mercados de trabalho, e nos mercados de consumo, tudo isso acompanhado por pesadas doses de inovação tecnológica, de produto e institucional”. Nesse sentido, parafraseando Santos (1994, p. 255), entende-se que “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social (...) O que ele [território] tem de permanente é ser nosso quadro de vida”. A análise dessa forma, deve ser realizada pensando não no território – material – única e exclusivamente, mas no uso que é feito no e do território, que de início são pautadas no âmbito material, mas que tem consequências que perpassam outras dimensões dos/nos territórios e dos indivíduos que ao longo do espaço-tempo o animam (Santos, 2013).

Enquanto fragmento de pesquisa de mestrado em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGGeo/UFS),



o estudo debruça-se em algumas reflexões sobre vulnerabilidades gestadas no território brasileiro pelo Grupo SOMA, na medida em que a empresa mobiliza recursos, capital e trabalhadores, utilizando-se da terceirização produtiva, criando dependências econômicas. Desse modo, neste momento, analisa-se o exacerbamento das vulnerabilidades socioterritoriais, como a terceirização, que é aprofundada ante a criação de um oligopólio como a Azzas 2154. O estudo justifica-se pela importância de compreender as lógicas de atuação do capital no cenário global de produção e consumo, uma vez que o estudo das dinâmicas produtivas regionais – como no recorte em questão – são essenciais para analisar os impactos no território e as alterações nas dinâmicas político-econômicas-sociais do local, que atuam em consonância com os padrões de consumo globais.

METODOLOGIA

Para a produção do estudo de caso, realizou-se a leitura de obras da Geografia Econômica, como Santos (2020; 2013;), Harvey (2010; 2013;). Além disso, para a realização da pesquisa, foram mobilizadas notícias de sites através da ferramenta de busca do Google, com o filtro de data do ano de 2024 (ano de criação da corporação) até 2025. Optou-se, neste caso, pela seleção de notícias e reportagens de revistas e jornais especializados na área de economia e empreendedorismo, como Money Times e Exame, investimento e/ou moda, de forma a filtrar informações mais precisas sobre o assunto. Utilizou-se relatórios de acesso público do Grupo SOMA, Arezzo e Azzas 2154, bem como Relatórios de referência; Relatórios de sustentabilidade; Release de resultados; e Azzas Day One. Ademais, fez-se uso de sites com banco de dados como o DATAVIVA e o IBGE Cidades, com o objetivo de analisar dados socioeconômicos, e trabalhistas do município de Rolante (RS), por meio desses dados, realizou-se o mapeamento de trabalhadores por função exercida por meio do Software QGIS.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com base em Santos e Silveira (2021 [2001]), utilizamos o conceito de uso corporativo do território. Segundo os autores, esse uso ganha força com os adventos do processo de globalização e o consequente acirramento da competitividade que o novo modelo produtivo impõem a partir da década de 1970. Daí então, as empresas com grande poder aquisitivo passam a mobilizar uma série de recursos nos lugares onde escolhem atuar, visando a amplificação dos lucros, impondo uma organização do território de acordo com seus interesses. Ao complementar essa ideia, Silveira (2008, n.p.) afirma que



El uso del territorio se hace aún más selectivo y, de esa manera, acaba puniendo a los estratos más pobres, aislados y distantes de los puntos y áreas productivos de esas firmas. Se agravan las diferencias y disparidades debidas, en parte, a los nuevos dinamismos y a otras formas de comando y dominación.

Essa seletividade amplamente utilizada pelas grandes empresas e realizada com respaldo estatal, acaba gerando uma série de disparidades ao longo dos territórios, criando áreas mais atrativas para o investimento de capital e atuação de empresas, em detrimento de outros lugares. Como resultado, há um aprofundamento das desigualdades sociais, uma vez que as regiões especializadas em determinado tipo de produção recebem maiores investimentos no que tange ao desenvolvimento de projetos e infraestruturas que possibilitem o pleno funcionamento das atividades econômicas e produtivas da região em questão.

Ademais, utilizar-me-ei do conceito de vulnerabilidade, que são processos decorrentes de eventos e situações que se territorializam a partir do processo do uso corporativo do território e de seus impactos locais. Esse conceito vem sendo debatido amplamente através de duas perspectivas, as vulnerabilidades territoriais e as vulnerabilidades sociais. Segundo Marandola Jr. e Hogan, a vulnerabilidade pode ser definida, de modo geral, como “[...] um perigo ou um conjunto deles, em dado contexto geográfico e social” (2006, p. 36). Pois segundo os autores,

Esta abordagem parte das dinâmicas que configuram uma dada espacialidade, procurando circunscrever sua escala (uma região, uma cidade, um ecossistema, um bairro), identificando nas interações entre sociedade e natureza os riscos e perigos que atingem o lugar. Não se trata de entender esta espacialidade enquanto substrato físico independente da sociedade. Antes, a abordagem busca uma unidade de referência para compreender o contexto da produção social do perigo em conexão com o contexto geográfico na delimitação da escala espacial. O resultado desta relação, suas tensões, aberturas, estruturas de proteção e risco, permite identificar a vulnerabilidade (Marandola Jr. e Hogan, 2006, p. 36).

Assim, o conceito de vulnerabilidade considera também, o território e o contexto em que a situação estudada se insere, considerando as dinâmicas sociais, territoriais e ambientais de um dado lugar, bem como suas correlações. Importa reforçar, que ao discutir o uso corporativo do território, considerando que grandes empresas com poder político e econômico, ajustam o ordenamento – tanto no sentido de organizar, quanto no sentido de poder – de um determinado lugar, a vulnerabilidade se faz presente. Isso ocorre em razão do favorecimento das empresas em detrimento dos cidadãos, gerando, segundo Kowarick (2009) uma vulnerabilidade socioeconômica e civil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



O Azzas, surge de uma fusão (Grupo SOMA e Arezzo), com o objetivo de aumentar sua capacidade competitiva perante outras marcas e grupos concorrentes, ampliando seu portfólio de marcas, instalações e público consumidor, de forma a amplificar seu lucro (Valenti, Padilha e Storch, 2023). O fato é que essas novas possibilidades criadas pelo modo de acumulação flexível, geram as chamadas “contradições”, intrínsecas ao processo de produção capitalista (Marx, 2013 [1867]; Harvey, 2010). Com um portfólio de 27 marcas, mobilizando um montante de cerca de oito bilhões de reais no seu preço de mercado, a empresa congrega no território uma ampla rede de infraestrutura de produção, distribuição e venda (Lima, 2025).

É nesse sentido que a corporação tem se utilizado de uma estratégia já bastante conhecida: a terceirização produtiva. Atualmente, conta com um vasto número de empresas subcontratadas, ultrapassando 1.500 que realizam serviços de costura, bordado, revisão, embalagem, acabamentos, cortes, ou produção completa de itens (como os calçados) etc. (SOMA, 2023; Arezzo, 2023)². As empresas que prestam serviços estão dispersas em cidades próximas às instalações da Azzas, especialmente de Centros de Distribuição (CD) e fábricas, alinhando a cadeia produtiva nas proximidades, de modo a evitar atrasos e gastos com entregas/distribuição. Segundo informações públicas disponíveis em relatórios da empresa, a logística e a proximidade das empresas que prestam serviços terceirizados à Azzas, apresenta um benefício, uma vez que

Essa inovação constante [de produtos] é possível porque as coleções são desenhadas internamente, reduzindo o ciclo de pesquisa e desenvolvimento do produto. O fast fashion permite que as coleções estejam sempre atualizadas com as últimas tendências da moda internacional, o que confere à Companhia uma posição de destaque no mercado nacional.

Além disso,

Importante destacar o modelo de recebimento e fornecimento destes produtos, que engloba as fábricas próprias, que produzem as marcas Alexandre Birman, , Alme e parte da marca Schutz, e a produção das fábricas independentes - que atendem as marcas Arezzo, Schutz, Anacapri e Vans® - escolhidas através de outsourcing [terceirização produtiva].

Outra estratégia que permite diferenciação à Companhia é a proximidade de seus fornecedores, que estão estrategicamente localizados no Vale dos Sinos, no Estado do Rio Grande do Sul, um dos maiores clusters calçadistas do mundo. (Azzas, 2024b, p. 29).

² Compreende-se que a empresa passa por um processo de reorganização das lógicas produtivas, além disso, não houveram, até a presente redação do texto, atualização de lista de fornecedores por parte da Azzas. Considerou-se, então, basear a informação nas listas publicadas mais recentemente, que datam do fim de 2023.



A infraestrutura produtiva da empresa consiste em doze fábricas próprias, das quais, seis delas localizam-se no estado do Rio Grande do Sul, próximo a região metropolitana de Porto Alegre onde há a presença de um pólo calçadista relevante. Nesse sentido, uma parte considerável do portfólio da Azzas é baseado em calçados, com marcas como a Schutz, Paris Texas, Arezzo, Alexandre Birman, Hering Shoes, Go, Anacapri e Vans³, cujos os quais – com exceção da Paris Texas – são produzidos no Rio Grande do Sul, em fábricas próprias. Além disso, também apresentam a produção terceirizada em vários municípios da região do Vale dos Sinos e do Vale do Paranhana, que posteriormente são enviadas ao Centro de Distribuição, localizado no município de Campo Bom (RS), que atende as lojas físicas e as compras realizadas através do *e-commerce* (AZZAS, 2024b).

Em 2023, as exportações totalizaram 118,34 milhões de pares e receita de US\$ 1,16 bilhão. O setor de calçados brasileiro tem como principais concorrentes os produtos importados, sobretudo os produtos da China. Tendo em vista que toda a produção da Companhia é voltada para o abastecimento de franquias, lojas próprias e clientes multimarcas, a Companhia não sofre competição no setor industrial de calçados. De fato, a maior competição nesse setor pode beneficiar a Companhia na medida em que 90% dos calçados vendidos a seus canais de distribuição são produzidos por fornecedores independentes. (Azzas, 2024b, p. 34).

Um desses municípios nos quais a empresa apresenta atuação, é o Sul-rio-grandense Rolante (Azzas, 2024b). O município de Rolante (RS) contém cerca de 21 mil habitantes e possui cerca de 11 empresas que prestam serviços terceirizados à Azzas, sendo fabricação de calçados a principal atividade desenvolvida na cidade, empregando diretamente cerca de 1.100 trabalhadores e, indiretamente, mais de 4.000 (IBGE, 2024; Dataviva, 2021). Segundo dados do último censo demográfico do IBGE, o município que compõem a mesorregião de Porto Alegre, apresenta 21.253 habitantes, destes, cerca de 8.411 pessoas apresentam vínculo de trabalho formal (IBGE, 2023). Rolante apresenta uma base econômica sólida na produção industrial de confecção, compondo um dos pólos de calçadistas do estado do Rio Grande do Sul. Segundo dados do DataViva (2023), dos 4.310 trabalhadores de indústria, 3.610 trabalham no setor de confecção e calçados. Das exportações realizadas no ano de 2023, cerca de 99,8% versavam sobre calçados, somando um total de 17 milhões de dólares, o destino dos produtos são principalmente os Estados Unidos.

A presença significativa da Azzas 2154 na região – mesmo que sua fundação seja consideravelmente recente – ocorre em razão da atuação do Grupo Arezzo antes mesmo da fusão com o antigo Grupo SOMA. Desde 2014 a Arezzo apresentava vínculo com duas

³ A Azzas possui a licença de produção e vendas dos produtos Vans no Brasil.



empresas prestadoras de serviços relativos à confecção de calçados de couro, ambas prestavam serviço de produto acabado (calçado finalizado). Em 2022, a empresa passou a subcontratar outra empresa no mesmo município, também com contrato de produto acabado (Arezzo, 2022). Atualmente o município compõe parte de uma região de especialização produtiva, que ao longo dos anos apresenta intensificação das atividades (Tabela 1 e 2).

Tabela 1 - Fornecedores de calçados contratados pela Arezzo no município de Rolante-RS, 2022

Empresas prestadoras de serviços	Tipo de Produção	Início de operação mes/ano
Empresa A ⁴	Calçado completo	05/2009
Empresa B	Calçado completo	03/2004
Empresa C	Calçado completo	03/2010

Fonte: Arezzo (2022). Elaboração da autora, 2025.

Em 2022 a empresa apresentava atuação no município, por meio dessas três empresas que prestavam serviços terceirizados ao Grupo Arezzo, gerando uma média de 650 empregos indiretos no município. Mesmo que a região, no ano de 2022, se configurasse como um pólo de especialização produtiva de calçados, a Arezzo – agora Azzas 2154 –, não apresentava um número elevado de contratos com empresas do município, embora o número de empregos gerados indiretamente fosse significativo, denotando um grau de dependência com os contratos da empresa firmados no município. Já em 2023, a empresa apresentou uma ampliação considerável, com um total de 11 empresas, os serviços contratados já apresenta maior divisão e especialização. (Tabela 2).

Tabela 2 - Fornecedores de calçados contratados pela Arezzo no município de Rolante-RS, 2023

Empresas prestadoras de serviços	Tipo de Produção	Início de operação mês/ano
Empresa 1	Calçado completo	03/2010
Empresa 2	Confecção e costura	05/2009
Empresa 3	Confecção e costura	05/2006

⁴ Optou-se por não utilizar o nome real das empresas subcontratadas pelo Grupo. Mas essa informação pode ser acessada através da Lista de fornecedores disponibilizada no site da companhia.



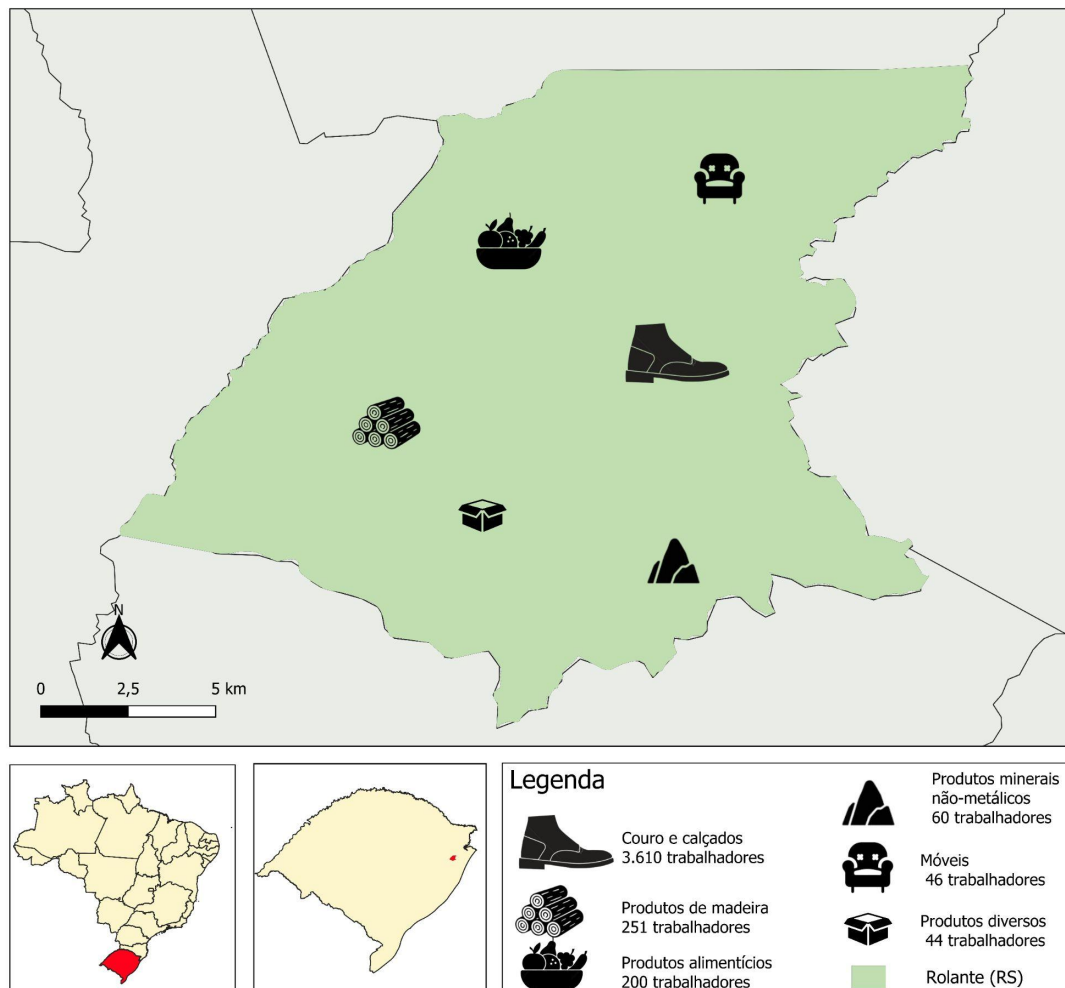
Empresa 4	Palmilha	10/2011
Empresa 5	Costura	08/2016
Empresa 6	Palmilha	12/2018
Empresa 7	Corte e montagem de calçados	10/2019
Empresa 8	Acabamento de calçados de couro	03/2022
Empresa 9	Confecção e costura	04/2023
Empresa 10	Palmilha	07/2023

Fonte: Arezzo (2023). Elaboração da autora, 2025.

Ao comparar as Tabelas 1 e 2, percebe-se que a presença da Azzas, mesmo que através de empresas subcontratadas, apresenta uma relevância no que tange à economia da cidade. Reitera-se também a quantidade de novas empresas abertas nos últimos anos, compreende-se que a complexidade da região e de sua especialização vem se aprofundando ao longo do tempo, se compararmos o ano de 2022 em relação com 2023, é possível visualizarmos um aprofundamento das divisões de trabalho, ampliando a extrema especialização produtiva, ampliando a capacidade produtiva e o volume de produção em um menor tempo. Essa extrema especialização impõem vulnerabilidades socioeconômicas no município, gerando uma dependência crescente no que diz respeito ao setor calçadista.

No que tange ao setor industrial no município de Rolante, há um número expressivo de trabalhadores que atuam no setor calçadista em comparação às outras atividades. Segundo dados do Dataviva (2023), somente no ano de 2022, de todas as 7,48 mil postos de trabalhos formais e vigentes no município, cerca de 3,5 mil trabalhadores atuavam na produção industrial de calçados. Há ainda, outros tipos de atividades industriais no município, como a fabricação de produtos de madeira, produtos alimentícios, produtos minerais, fabricação de móveis, entre outros que apresentam uma participação ínfima no que tange aos empregos totais do município de Rolante.

Mapa 1 - Postos de trabalho por atividades industriais no município de Rolante (RS), 2023

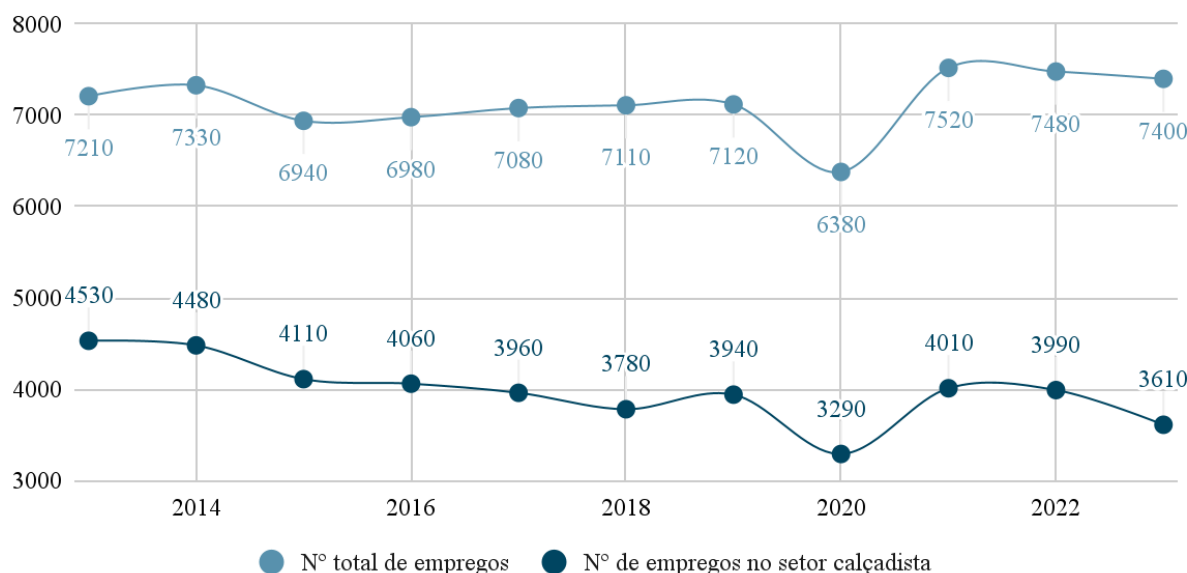


Fonte: IBGE (2022); DATAViva (2023). Elaboração da autora, 2025.

Pode-se dizer que esse contexto engendra no território do Rolante (RS), uma certa vulnerabilidade em relação à esse tipo de atividade econômica. Essa dimensão pode ser analisada também, ao traçar um panorama dos postos de trabalho na indústria calçadista dos últimos dez anos, conforme o Gráfico 1 abaixo. É possível constatar que a diminuição ou o aumento de vínculos de trabalho no município, é acompanhado sempre pelo índice do setor calçadista, o que significa que a baixa diversificação econômica existente, não é capaz de absorver os trabalhadores que perderam o seu emprego ao longo desses anos. Nesse sentido, o que se percebe através das variações ao longo dos anos, é que o aumento dos postos de

trabalho no setor calçadista, eleva também o número de vínculos de trabalhos formais no município de Rolante (RS)⁵.

Gráfico 1 - Variação do número de empregos do setor de calçados em relação ao número total de empregos, Rolante (RS), 2013-2023



Fonte: Dataviva (2023). Elaboração da autora, 2025.

Apresenta-se ao longo da série histórica, uma certa linearidade entre o número total de empregos no município de Rolante (RS) e o número de empregos no setor calçadista do município, com destaque ao ano de 2020, onde há uma queda significativa nos dois indicadores. Em 2019, o município apresentava exatos 7.120 trabalhadores contratados, número esse que decaiu para 6.380 em 2020, ano da pandemia da Covid-19. O mesmo se segue com os dados referentes aos empregos no setor calçadista do município, em 2019 apresentava-se um número de 3.940 contratações, e em 2020 esse número decresce para 3.290 trabalhadores. Os números de ambos os dados voltam a crescer no ano de 2021, quando houve uma intensificação na retomada da economia no país de forma geral.

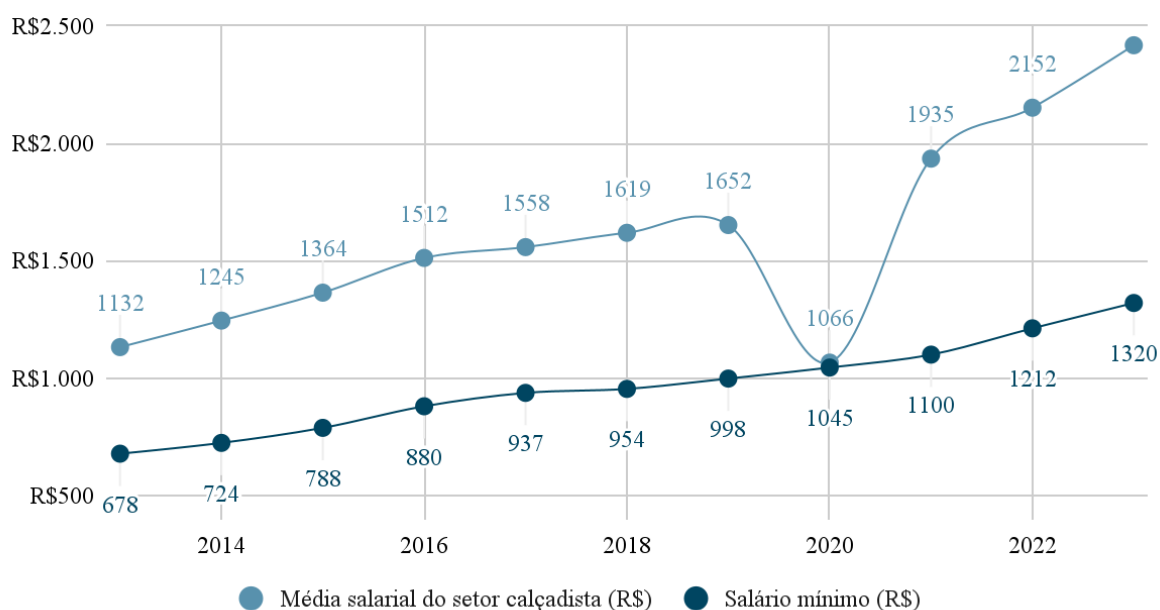
No que tange à média salarial da atividade calçadista ao longo dos dez anos (2013-2023), percebe-se que há uma variação significativa entre o período de 2019 até 2021, há uma queda significativa nos lucros do setor no município uma vez que os serviços não essenciais ficaram impedidos de funcionar, em um contexto onde a crise econômica seguida por demissões agravaram as dimensões econômicas de subsistência de inúmeras pessoas. Na série histórica elencada, como consta no Gráfico 2 abaixo, é notório que a remuneração do

⁵ Faz-se necessário considerar que os vínculos de trabalhos informais que possam vir a existir ao longo desse período de tempo não constam nos números.



referente à fabricação de calçados apresenta uma baixa remuneração em razão da baixa necessidade de qualificação profissional para a execução da função. O valor médio de salário do setor calçadista apresenta uma tendência crescente até o ano de 2020, quando a remuneração cai para pouco mais de um salário mínimo, isso ocorre em razão do tempo em que as empresas ficaram fechadas em razão de determinações estaduais (Nascimento e Bassan, 2020).

Gráfico 2 - Comparação de média salarial no setor calçadista de Rolante (RS) em relação ao salário mínimo, 2013-2023



Fonte: Dataviva (2023). Elaboração da autora, 2025.

A discussão da dependência econômica enquanto uma forma de vulnerabilidade que se manifesta no município, outras vulnerabilidades se aprofundam a partir dela, essencialmente no que diz respeito ao cumprimento dos contratos de trabalho pelas partes prestadoras de serviços à empresa. A terceirização impõe uma fragilidade também no âmbito dos direitos trabalhistas, visto que a empresa não controla diretamente os serviços, podendo haver relações de exploração, assim como historicamente constatado no antigo Grupo SOMA, que hoje compõe o Azzas. A empresa tem implementado auditorias, enquanto uma solução operacional para averiguar possíveis violações no código de conduta dos fornecedores – segundo constam em relatórios –, e, ao mesmo tempo, a empresa afirma em relatórios que não se responsabiliza por eventuais situações de exploração trabalhista, visto que a mesma não tem controle direto sobre tal produção (Azzas, 2024a; SOMA, 2024). Dessa forma, a terceirização produtiva tem



sido uma resposta com baixos custos de operação para a Azzas, uma vez que isso dispensa o grupo das responsabilidades trabalhistas e aos gastos com infraestruturas e sua manutenção.

Em 2015, uma empresa do setor calçadista do município supramencionado foi notificado pela Ministério Público do Trabalho do Rio Grande do Sul, após a denúncia de adolescentes de 15 e 16 anos que realizavam funções com grau de periculosidade ao manusear substâncias tóxicas e máquinas sem nenhum tipo de proteção (CUT, 2019). Esse contexto indica níveis de vulnerabilidades, especialmente através da dependência econômica perante a Azzas 2154, que é aprofundada pela circunstância de ser cotada em bolsa de valores e apresentar uma atuação que visa a lucratividade dos investidores, sendo essa uma das características de operacionalização de empresas financeirizadas (Santos, 2020). Nesse sentido, esses locais em que as grandes corporações atuam direta ou indiretamente, se tornam dependentes das mesmas, uma vez que, especializados em uma única função, a diversificação de atividades econômicas torna-se mais complexa de ser executada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível aferir que a atuação das grandes corporações tem sido moldada de forma a manter maior lucratividade e aumentar a capacidade competitiva, a qual tende a se intensificar em um contexto de financeirização. Ainda que esse seja um campo já debatido dentro dos estudos geográficos, eles passam por constantes atualizações, à medida que o modo de acumulação flexível complexifica a dinâmica global de produção e consumo, acirrando a competitividade entre empresas que a todo tempo se atualizam e traçam novas linhas para o uso corporativo do território, de acordo com suas necessidades, impondo uma lógica empresarial por meio da mobilização de capital, pessoas e estruturas. Ademais, compreende-se que a atuação do Azzas no município de Rolante (RS), que, de início pode parecer uma proposta de desenvolvimento para a cidade e geração de emprego, acaba, na realidade, por gerar estagnação na diversificação de atividades econômicas e consequentemente no desenvolvimento social da cidade, impondo aos trabalhadores níveis de exposição à vulnerabilidade social, uma vez que trabalham sem nenhum tipo de vínculo empregatício formal, de acordo com as leis.

REFERÊNCIAS

AREZZO. Lista de fornecedores Arezzo&CO. **Arezzo&CO**, 2022.

AREZZO. Lista de fornecedores Arezzo&CO. **Arezzo&CO**, 2023.

AZZAS. Apresentação Azzas day one. Belo Horizonte: **Azzas 2154**, 2024a. Disponível em: <https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/2edfd667-eaa1-4187-9777-1528284720de/991e36fc-8c6d-db19-76e4-8c2682fcb282?origin=1>. Acesso em: 20 fev. 2025.

AZZAS. Formulário de referência de 2024. Belo Horizonte: **Azzas 2154**, 2024b. Disponível em: <https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/2edfd667-eaa1-4187-9777-1528284720de/7450c9a1-993d-0a64-bbc0-0ed6e5eb2bbf?origin=1>. Acesso em: 20 fev. 2025.

CUT. Trabalho infantil impede desenvolvimento, reduz renda e está ligado à escravidão. **Central Única dos Trabalhadores**, 15 de jul. de 2019. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/trabalho-infantil-impede-desenvolvimento-reduz-renda-e-esta-ligado-a-escravidao-7221>. Acesso em: 10 maio 2025.

DATAVIVA. Rolante - RS: Salário e emprego. **Dataviva**, 2021. Disponível em: <https://www.dataviva.info/pt/location/5rs020111/wages>. Acesso em: 10 maio 2025.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 19ª edição. São Paulo: Loyola, 2010.

HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

IBGE. Rolante - RS. **IBGE Cidades**, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/rolante.html>. Acesso em: 10 maio 2025.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco**: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. São Paulo: Ed. 34, 2009.

LIMA, Liliane. Azzas 2154 (AZZA3) tem nova alta com reaproximação dos acionistas e elevação de preço-alvo pelo BTG Pactual. **Money Times**, São Paulo, 12 de maio de 2025. Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/azzas-2154-azza3-tem-nova-alta-com-reaproximacao-dos-acionistas-e-elevacao-de-preco-alvo-pelo-btg-pactual-lils/#:~:text=Com%20o%20avanço%2C%20os%20papéis,R%24%208%2C16%20bilhões>. Acesso em: 16 mai 2025.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARANDOLA Júnior, Eduardo.; HOGAN, Daniel Joseph. Vulnerabilidades e riscos: entre Geografia e Demografia. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 22, n. 1, p. 29-53, jan./jul. 2005. Disponível em: <https://www.forumjustica.com.br/wp-content/uploads/2014/10/Vulnerabilidade.pdf>. Acesso em: 02 set. 2025.



MARX, Karl. **O capital**: livro I. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo. 2013 [1867].

NASCIMENTO, Victor Fernandez; BASSAN, Dilani Silveira. A situação econômica no Vale do Paranhana pós-Covid-19. **Drops do cotidiano**, 2020. Disponível em: <https://dropsdocotidiano.com/2020/05/19/a-situacao-economica-no-vale-do-paranhana-pos-covid-19>. Acesso em: 10 de set. de 2025.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: Santos, M. et al. (orgs.) **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec e ANPUR, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: HUCITEC, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 30ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Record; 2020.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Edições Record; 2021[2001].

SILVEIRA, María Laura. Globalización y territorio usado: imperativos y solidaridades. CDC, Caracas, v. 25, n. 69, p. 2-19, dic. 2008. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1012-25082008000300002&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 01 set. 2025.

SOMA. Formulário de referência de 2024. Rio de Janeiro: **Gabriel Silva Lobo Leite**, 2024a. Disponível em: <https://www.somagrupo.com.br/investidores/formulario-cadastral-e-de-referencia/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

VALENTI, Gabriela; PADILHA, Ivan; STORCH, Júlia. Estilo bilionário: como o Soma se tornou o maior grupo de moda do Brasil. **Exame**, São Paulo, 16 de fev. de 2023. Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/estilo-bilionario/>. Acesso em: 12 maio 2025.